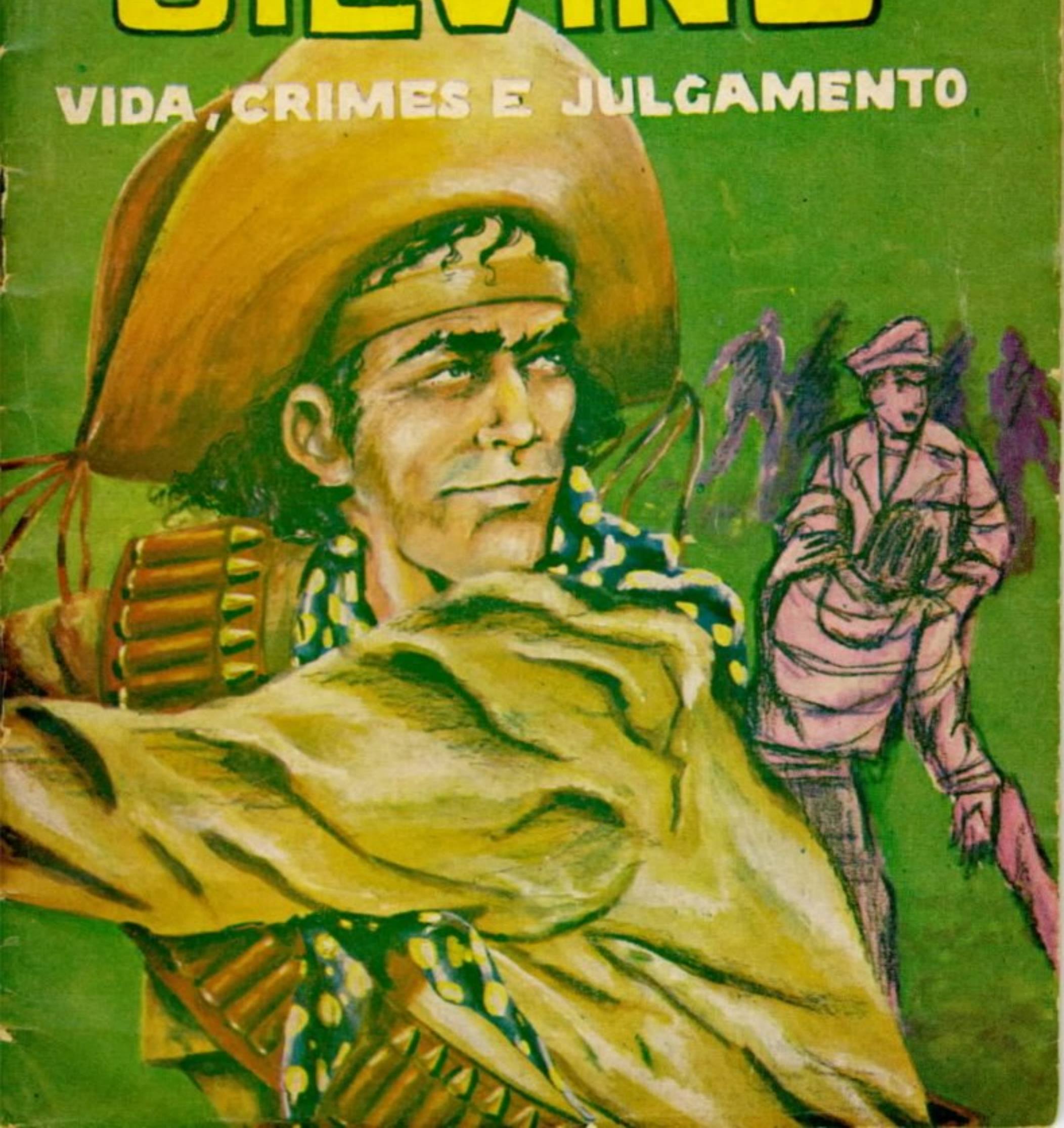


ANTÔNIO SILVINO

VIDA, CRIMES E JULGAMENTO



ANTONIO SILVINO

VIDA, CRIMES E JULGAMENTO

Autorizado e registrado de acordo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50
FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

ANTONIO SILVINO

Vida, Crimes e Julgamento



Leitor, em versos rimados
Vou minha história contar,
Os crimes que pratiquei
Venho agora confessar,
Jurando que da verdade
Jamais me hei-de afastar.

Pedro Batista de Almeida
E Balbina de Moraes,
Casados catolicamente,
Foram meus legítimos pais,
Nascidos em Pernambuco
E do Pajeú naturais.

Nas margens do Pajeú
No distrito de Ingazeira,
Junto à Serra da Colonia
Vi o sol a vez primeiro;
Ao nascer trouxe nas veias
Sangue da raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco
Num ano de inverno forte,
No dia dois de novembro
Aniversário da morte;
Por isso o cruel destino
Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado,
Mas não me mandou educar
Porque onde eu fui criado
O povo não aprecia,
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro,
Um amansador de patro
Que seja bem catinguêiro
Um homem que mata onça
Ou então um congaceiro.

Meu pai fez diversas mortes,
Parém não era bandido;
Matava em defesa própria
Quando se via agredido,
Pois nunca guardou desfeito,
Morreu por ser atrevido.

Enquanto eu era pequeno
Aprendi a trabalhar,
Chegando aos 14 anos
Dediquei-me a vaquejar
Abraçei aos vinte anos
A profissão de matar.

No ano noventa e seis
 Meu pai foi assassinado
 Pela família dos Ramos;
 Já sendo nosso intrigado
 Um deles, o José Ramos,
 Que era subdelegado.

Para punir esse crime
 Ninguém se apresentou;
 A justiça do lugar
 Também não se interessou;
 Aos bandidos a polícia
 Parece que auxiliou...

E eu que vi a justiça
 Mastrar-se de fora à parte,
 Murmurei com meus botões:
 — Também hei-de arrumar-te!
 Não quero código melhor
 Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela justiça,
 Esta não me quis escutar,
 Vali-me do bacamarte,
 Que me veio auxiliar
 Nele achei todas as penas
 Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei
 Leis que decidem questão
 Que fazem melhor processo
 Do que qualquer escrivão,
 As balas eram os soldados
 Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta
 Para qualquer criatura,
 Sempre prendi os meus réus
 Em casa muito segura;
 Pois nunca se viu ninguém
 Fugir duma sepultura!

No dia cinco de junho
 Do ano noventa e três,
 Fiz eu as primeiras mortes
 Matando dois de uma vez!
 Manuel Ramos Cabeceira
 E um tal João Rosa de Arez.

Depois que fiz essas mortes,
 Fiquei desacomodado;
 Começaram a perseguir-me;
 De Ingazeira o delegado,
 Um tal de Francisco Braz;
 Matei-o, fiquei vingado.

Então a família Ramos
 Fugiu para Imaculada,
 Onde por Delmiro Dantas
 Foi protegido e guardado,
 Nunca mais peguei um deles
 Nem mesmo numa emboscada.

Desde esse tempo que vivo
 Sofrendo perseguição,
 Mas com minha atividade
 Sempre evitei a prisão
 Vendendo-me, assim, obrigado
 A fazer-me valentão!

No ano noventa e sete
 Um meu parente e amigo,
 O velho Silvino Aires,
 Dissera-me; — Vem comigo
 Ao Teixeira, que eu preciso
 Vingá-lo de um inimigo.

De noventa e sete em junho
 Nós cercamos o Teixeira;
 O delegado Dantinho
 Deu uma boa carreira,
 Foi isso que o livrou
 De uma surra ligeira...

Porque meu tio Silvino
 Desejava castigar
 Esse delegado afoito
 Que um dia mandou cercar
 Sua fazenda, e os móveis
 De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganamos,
 De não pegar o Dantinho,
 Voltamos pra o Pajeú,
 Pra lugar que nos convinha;
 Dali fomos pra Campina
 Onde uns parentes eu tinha.

Fomos à vila do Ingá
Com o Prisco nosso amigo,
Esse encontrou na estrada
"Marcela" um seu inimigo,
Que foi logo assassinado
Por não fugir do perigo.

Pouco depois desse crime
Meu tio e Cheme voltou
Para o Pajeú de Flores
Onde a polícia o pegou,
Nosso grupo reuniu-se
E seu chefe me aclamou.

Ao ver-me chefe do grupo
Meu nome próprio mudei;
Então por Manuel Batista
Nunca mais eu me assinei,
E foi de Antonio Silvino
O nome que eu adotei.

A justiça do Ingá
Processou-me, mas voltei
A essa vila, e a Praça
Municipal assaltei,
E os processos que havia
Ali, os incendiei.

Em abril de noventa e nove
Em Canhatinho abracei
A profissão de marchante.
Depois, então assentei
Praça no quartel local
E três meses políciei.

Com duas horas de luta
Resolvi retirar-me;
E disse ao José Augusto:
— Agora vou me ausentar,
Prometo-lhe em pouco tempo
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Matinhas,
Com o mesmo me encontrei;
Tinha ele quinze praças
Com as quais, então lutei!
Ele prendeu-me, um cabra
E um soldado baleei.

Bem perto de Gravatá
De Bezerros, fui cercado
Por um senhor João Gonçalves
Que era subdelegado;
Desse cerco eu me evadi
Com um braço baleado.

Nessa luta sangüinária
Dois capangas eu perdi
Os outros me abandonaram...
Quando sozinho eu me vi.
Pra não cair na esporrelo
Sem perder tempo, fugi...

Em abril de novecentas
Eu em Cabaças estava;
E o capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava.

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte,
De onde atirei cinco horas...
Não houve nenhuma morte!
Dali fugi com os meus
E procurei outro norte.

Estava eu na guarda local
Quando um doutor me chamou
E me disse: — Amigo Antonio,
Minha esposa me deixou
E se você for buscá-la
Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila
A mulher a quem procuro,
Na usina de Santos Dias,
Traga-me, que eu asseguro
Terás seis contos de réis;
Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro
E um grupo que lá juntamos,
Cercar a usina citada;
Porém quando lá chegamos,
Nem o major nem a filha
Em sua casa encontramos.

Uma macinha da casa
Talvez por ser imprudente,
Passou em frente o meu rifle
Que a feriu inconsciente...
Lamentei a morte dela
Por ter marrido inocente.

O capitão Zé Augusto
Em Fagundes me cercou,
Com uma tropa que em mim
Duas horas atirou;
Prendeu um dos meus capangas
E dois de bala matou.

Nesse combate matei
De Zé Augusto um soldado,
Deixei um sem orelha,
Um com olho furado,
Um de cabeça rachada,
E outro com um pé trilhado.

Durou mais de meio dia
Esse combate sangrento.
Ao faltar-me munição
Deixei o acampamento
E fiquei de fora olhando
Do combate o movimento.

Estando eu fora do cerco
Dei ainda um tiro, que sinto
Ter ele alvejado apenas
O alferes Paulino Pinto;
Ao Angelim não matei
Porque não vi o distinto.

No tiroteio os soldados
Seis congaceiros mataram
E pegaram nove à mão
Que, também, assassinaram.
Como se sangra animais
Eles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir
Desembestaram a correr
Dizendo: — O diabo é quem espera
Para sangrado morrer!
Cada qual mais precavido
Procurava-se esconder.

O sargento José Lopes,
Vendo o alferes baleado,
Ordenou sangrassem os presos,
Obedecendo-o um soldado
Não o matei porque o rifle
Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,
De um a um, por escala.
Mataram todos à faca,
Não quiseram estragar bala,
Somente Antonio Francisco
Morreu sem perder a fala!

Em junho do mesmo ano
Eu estava no Surrão
Com cinquenta companheiros;
Tinham muita munição
E gente para brigar
Até com um botelhão.

Estávamos todos juntos
Na casa do José Gato,
Apenas o Rio Preto
Estava doente no mato,
José matou uma rês
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,
Estávamos bem acalmados,
Quando inesperadamente
Por cento e vinte soldados
Eu e meus companheiros
Nos vimos todos cercados!

Eram dois comandantes
Desse reforço inteiro:
Alferes Paulino Pinto
(Da Paraíba o primeiro)
E o capitão Angelim,
(De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma luta medonha,
Todo esse povo atirando!
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando;
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando!

A polícia entrincheirou-se
 Dum riacho na barreira
 Onde nas fazia fogo;
 Era uma boa trincheira:
 Se eu não fosse cuidadoso
 A tropa não voltava inteira.

Em novecentos e dois
 Pelo Ingá ia passando
 Quando encontrei um enxerido
 Que andava denunciando
 De mim e meus companheiros:
 Sem mais nada o fui matando.

A quinze de fevereiro
 De mil novecentos e três
 Em Filgueiras, Pernambuco,
 Vi pela primeira vez
 A um meu perseguidor;
 Matei-o com rapidez!!

Esse meu perseguidor
 Era um subdelegado
 Francisco Antonio Cabral.
 Sendo homem precipitado,
 Vivia me perseguindo,
 Mas dele estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões
 No mesmo ano, não estou
 Lembrado agora em que mês:
 Ele a mim denunciou,
 Por isso tirei-lhe a vida
 Que pouco, aliás, me custou!

Em Aroeiras matei
 Um pombeiro de primeira
 Era um tal de Severino
 Que servia de "chaleira"
 Fez uma vez a polícia
 Dor-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro
 Eu no Mogeiro me achava,
 O ex-sargento Manuel Paz
 Nessa ocasião passava;
 Fiz a ele o que ele a mim
 Há muito fazer tentava.

Fugi do Surrão. No Estado
 De Pernambuco encontrei
 A um dos meus intrigados,
 A quem eu não perdoei.
 Era Sebastião Correia:
 Este com um tiro matei-o.

Na Fazenda Pedreiras,
 Distrito de Caicã,
 Estado do Rio Grande,
 Eu quase que fico só!
 Lá eu me vi apertado...
 Qual moleque no cipó...

O Tenente Talentino
 Nessa fazenda cercou-me
 Com uma força de polícia
 Que, peito a peito, atocou-me!
 Nós trocamos muitas balas
 Mas ele não me acertou.

Lago com o primeiro tiro
 Dois sargentos derrubei,
 Com uma bala certa
 Ambos de uma vez matei!
 Depois de dar outros tiros
 Fora do cerco pulei.

Dessa vez o Talentino
 Matou-me seis cangaceiros
 Dentre eles um menino,
 Que era dos meus companheiros
 O que tinha mais coragem
 Seus tiros eram certos.

Talentino perseguiu-me,
 Porém eu pude fugir
 Para o Estado do Ceará,
 Onde pude residir
 Alguns meses, sem ninguém
 Onde eu estava, descobrir.

Esse tal Manuel da Paz,
 Na tempo em que era soldado,
 Emboscou-me muitas vezes,
 Fez-me andar bem assustado,
 Porém eu com um tiro só
 Matei-o e fiquei vingado.

Em outubro do mesmo ano
Fui dos meus acompanhado
Para Vila do Pilar,
Lá estava encarcerado,
Um amigo, e pra soltá-lo
Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar
Do quartel me apossai;
Da munição dos soldados
Também me apoderei;
E as chaves da cadeia
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
E amarrei os soldados
Que encontrei no lugar,
Deixando-os encarcerados;
Como eles não se opuseram,
Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia
Deixei também o carcereiro;
Dirigi-me ao delegado;
Que me deu algum dinheiro;
Procurou logo imitá-lo.
Um distinto cavalheiro.

Quando sai de Pilar
Para o Ceará subi.
Então no Cariri Novo
Alguns meses residi,
Senti que me perseguiram,
Sem perder tempo fugi...

Com destino a Pernambuco
Do Ceará regressei;
De volta, no município
De Piancó eu passei,
E na povoação de Bonito
Numa casa me hospedei.

De ofender os moradores
Eu não levava intenção,
Mesmo eu não tinha intrigados
Naquela povoação
Mas nada disto livrou-me
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado
Alguns homens no lugar
Moradores, e com eles
Quis dest'arte me cercar;
Ele estava preparado
Para a vida me tirar.

E quando eles me cercaram
Eu não ousei resistir,
Porque uma bala certeira
Veio a meu rifle partir;
E eu, vendo-me desarmado,
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco
Eu meti-me em questão feia.
A pedido de um amigo
Dei uma surra de peia
Em um sobrinho legítimo
Do Sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,
Julgando-se desfeitoado,
Dissera que me matava
Para o rapaz ser vingado,
Porque nunca um seu parente
Tinha de peia apanhado.

Ele não quis perder tempo:
Logo que pensou assim,
Foi-se valer da polícia
Para perseguir a mim,
Declarando a todo o mundo
Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se à Capital
Da Paraíba: lá então
O presidente do Estado
Nomeou-o capitão
De polícia, e deu-lhe ordem
Pra minha perseguição.

Foi também ao Recife
E a mesma ordem recebeu
Lá o chefe de polícia
Soldados lhe ofereceu,
Passou-lhe uma carta branca
E armamento lhe deu.

Disseram que ele vinha
E eu fui então tocaí-lo;
Perto de Caruaru
Eu resolvi esperá-lo,
Porém um grande acidente
Privou-me de encontrá-lo.

Eram dezoito do mês
De Dezembro. Eu tinha ido
Esperar o Zé Gouveia,
Mas, não estando prevenida,
Fui feirar em Tropicá,
Pois queria estar munida.

Eu não fui a Tropicá
Matar ninguém nem ferir,
Fui só comprar munição
Pra melhor me prevenir,
Julganda que lá ninguém
Me havia de perseguir.

Estava eu dentro da feira
Quando um homem perguntou-me:
— Você é Antonio Silvino?
E de repente atirou-me!
Nesse mesmo instante um negro
Outro tiro disparou-me.

Os tiros não me feriram
Nem me fizeram pavor
Eu, na fumaça da pólvora,
Gritei ao atirador,
Que era Antonio Nicácio,
Celeberrimo Inspetor!

— Bandido, segura o tiro,
Não faz coisas de menino,
E com Antonio Silvino,
Repara que estás pegado
Vamos ver no ferro frio
Se dás porte de mofino.

Proferi estas palavras
Já com o meu punhal na mão
E lancei-me ao Inspetor
Veloz como um furacão:
Dei-lhe a primeira facada
Abaixo do coração.

Ele pulou para trás
Com a ligeireza do gato
E gritou: — Estou ferido!
Quando vi do sangue o jato
Gritei-lhe: — Cuide na vida
Porque eu agora o mato!

Travamos renhida luta,
Então com poucos momentos
Eu fiz-lhe com meu punhal
Outras grandes ferimentos;
Ouvi-lhe dizer: — Morri,
Sem vencer as meus intentos.

Nisso senti por detrás
Uma terrível pancada;
Eu fiquei tonta e tombei
Por cima da calçada,
Ergui-me no mesmo instante
Tendo a cabeça rachada.

Foi a negro que atirou-me
E que me deu à traição
Com o rifle, que disparou
Essa pancada, e então
Desembestou a correr
Ligeiro que só um cão.

Recobrei logo os sentidos
E o traidor procurei,
Porém não pude encontrá-lo,
Quase possesso fiquei!
Nisso meus cobras chegaram
E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!
Eu gritei à cabroeira;
Em menos de dez minutos
Estava acabada a feira.
O povo tinha corrido...
E ganhei a copoeira...

E depois que todo o povo
Tinha desaparecido,
Uns no mato, outros nas casas,
Estava tudo escondido;
Encontrou-se um homem morto
E um cavalo ferido.

Todas as portas da rua
Num momento se fecharam,
Uns naivos que lá estavam
Ninguém sabe onde esbarraram,
Num beco um menino morto
Depois os cabras acharam.

Depois de tudo acabado
Resolvi-me retirar.
A rua estava deserta,
Não tinha com quem brigar;
Pelo capitão Gouveia;
Decidi não procurar.

Então com os meus companheiros
À Paraíba voltei;
No distrito de Campina
Um inimigo encontrei,
A tiros e a punhaladas
A ele eu assassinei.

Manuel Rodrigues Torres
Chamava-se esse senhor,
Que era meu inimigo
E também perseguidor;
Fiz a ele o que farei
A quem me fôr traidor.

Em novecentos e seis,
A vinte e seis de janeiro,
Estava eu nos Tatus
Com o meu grupo inteiro,
Quando ao capitão Gouveia,
Dei o combate primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:
— Silvino, segura o tiro!
Respondi-lhe: — Seu Gouveia,
Você hoje perde o giro,
Pois se não matar-me eu o mato,
E se ferir-me eu o firol!

Travamos um tiroteio
Que durou quase uma hora,
Então Gouveia bradava:
— Ou você se entrega ou morre,
Antonio Silvino, agora
Ou esmorece ou vai embora.

Respondi-lhe: — Não me entrego,
Nem morro, nem esmoreço,
É certo que vou embora,
Para outra vez me ofereço;
Lembre-se sempre de mim,
Que de você não me esqueço.

Dito, isto, os cabras dele
De mim se aproximaram,
Eu dei a última descarga
E ouvi dizer — Me mataram!!!
E outro gritar: — Me acudam,
Que os cabras me balearam!

Receei que a munição
Fôsse logo acabar;
E disse aos meus companheiros
— Devemo-nos retirar;
Desinteiramos a tropa
Não temos por quem esperar.

No Estado da Paraíba
Com um correio me encontrei;
Das malas que ele trazia
Eu logo me apoderei:
Então tomei testemunhas
E as malas todas queimei.

E dei ao correio as coisas
Que a ele pertenciam;
Queimei as malas porque
Julguei que elas traziam
Dinheiro ou instruções...
Para os que me perseguiriam.

E depois que eu tomei
As malas desse correio,
O governo entendeu
Que esse era um ato feio;
E então em minha pista
Uma grande escolta veio.

A companhia inglesa,
Em construção de uma linha
Atravessou uma terra
De propriedade minha,
Procurei pra dizer-lhe
Que isso não me convinha.

Foi, a sete de setembro,
De novecentos e seis,
Ao povoado Mogeiro;
Destinei-me dessa vez
A cortar o fio aéreo
E pegar algum inglês.

O fio do telegrama
Logo ao chegar eu cortei,
E uma pilha de madeira
Na linha férrea eu deitei;
Foi graças a essa astúcia
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,
Que era um dos passageiros,
Dirigi-me, por saber
Ser ele dos empreiteiros:
E ele me deu cem mil réis
Pra mim e meus companheiros.

Eu disse ao Chico de Sá:
— Eu venho aqui lhe avisar
Que esta terra me pertence
É pra o trem nela passar
É preciso a companhia
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis
Que a mim terá que pagar
A companhia inglesa:
Do contrário hei de arrancar
Os trilhos, e por aqui
O trem não há-de passar!

Então o Chico de Sá
Prometeu-me que daria
O meu recado aos ingleses
Gerentes da companhia,
Para que eles mandassem
A exigida quantia.

Ao governo federal
A companhia inglesa,
Mandou pedir garantias;
Ele, com toda presteza,
Mandou vir um contingente
Da companhia em defesa.

Do batalhão Vinte e Sete
Noventa e quatro soldados
Vieram em meu alcance,
Sendo estes comandados
Por quatro oficiais
Homens já experimentados.

Do segundo batalhão
Quarenta praças valentes
Vieram-me perseguir,
Guiados por dois tenentes;
Na cidade de Campina
Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel
Dividiu em diligências
As forças que comandava,
Tomando mil providências,
Garantindo não falharem
As suas experiências.

Resolvi deixar o plano
De embarçar a linha
De ferro, porque essa força
Disposta a matar-me vinha;
Então a vinte de novembro
Entrei em Alagoinha.

Na vila de Alagoinha,
A todos os negociantes
No momento em que cheguei
Sem demora coletei;
Procurador do Governo
Desde então me intitulei.

No dia dois de dezembro
Do ano já referido
Entrei na Alagoa-Nova,
Sendô ali bem acolhido;
Coletei todo o comércio
E em tudo fui atendido.

No momento em que eu entrei
No quartel policial,
Dentro da Alagoa-Nova
E ao telégrafo cerquei,
Dos soldados que lá havia
Até a roupa tomei!

Recebi todos os impostos,
Fiz muito bom apurado
E depois telegrafei
Ao presidente do Estado,
Dizendo-lhe que ao comércio
Eu já havia coletado.

Em seguida retirei-me
Logo que fiz a cobrança
Contra mim ninguém se opôs,
(Nunca vi gente tão mansa)
E entrei no dia seguinte
No povoado Esperança.

No povoado Esperança
Dois macacos eu preendi,
Como eles não se opusessem,
Soltei-os, não os ofendi;
Então dos negociantes
Os impostos recebi.

De Esperança dirigi-me
À vila de Soledade,
Aí, de José do Couto,
Com quem tinha inimizade,
Cerquei a casa, mas este
Fugiu, com sagacidade!

Na Vila de Soledade
Recebi pouco dinheiro,
Fugi dali e no distrito
De Caruaru, em janeiro,
De novecentos e sete
Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emídio,
Que era sub-prefeito,
E o dono da fazenda
Que eu cerquei sem proveito
Por não encontrá-lo em casa;
Porém fiz tudo a meu jeito.

Logo ao chegar na fazenda
Alguns animais matei,
E os dois paiões de algodão
Em seguida incendiei;
Então pelo coronel
Emídio não esperei.

Perto de Taquaritinga,
Num pequeno povoado
A quem chamam Salgadinho,
No mês acima falado
Entreí, e logo o comércio
Fui deixando coletado.

E no dia vinte e seis
Do mesmo mês de janeiro,
À barra de S. Miguel
Fui com meu grupo inteiro
Ali uma boa surra
Eu dei num alcoviteiro.

Quatro peças que lá estavam
Em cerculas as deixei;
Então da mesa de rendas
Eu logo me apoderei;
O dinheiro que lá havia
Para o meu bolso passei.

Incendiei os papéis
Todos da arrecadação,
Deixei nus os empregados!
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem furda, "comblaim" e facão.

Em o lugar Serra Verde,
Município de Umbuzeiro,
Eu encontrei dois "macacos"
A oito de fevereiro,
Com dois tiros lhes provei.
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mês
De fevereiro eu voltei
Para a Vila do Pilar;
Ali o quartel cerquei
E então preendi os soldados
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão
E soltei cinco coitados
Que nessa imunda cadeia
Estavam encarcerados
E alguns desses já prenderam
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos
Tomei a direção
Da casa de residência
Do doutor Napoleão,
Porém não o achei em casa
Nessa má ocasião.

Da mulher do comendador
A senhora D. Inês,
Pude tomar quase à força
Seis magros contos de réis
E se em casa houvesse mais
Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me à loja
Do mesmo Napoleão,
Lá quatro contos de réis
Na gaveta do balcão
Encontrei, e vi que a mim
Tocava aquele quinhão...

À municipalidade
Pertencia esse dinheiro,
Porém eu que do governo
Sou o principal herdeiro,
Apossei-me desse cobre
E em guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja sai.
Eu fui à coletoria,
Ali deu-me o coletor
O cobre que em cofre havia:
Sendo este do governo,
A mim também pertencia.

Visitei todo o comércio,
Fiz muito bom apurado,
E vi que de muito povo
Eu me achava acompanhada
Alguns pediam-me esmolas;
Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis
Com os pobres distribuí
Não serve isto pra minh'alma
Porque esta eu já perdi;
Mas serve pra os miseráveis
Que estavam nus e eu os vesti.

Um oficial de justiça
Escreveu, por mim ditado,
Um pequeno telegrama
Ao presidente do Estado:
Já vê que a um homem assim
Não se usa mandar recado.

No telegrama eu lhe disse
Que abandonava a questão
Da companhia inglesa,
E depois pedi-lhe, então,
Que ele a força federal
Retirasse do sertão.

Retirei-me de Pilar,
Às onze horas da noite
Sem que se dessem conflitos,
Não achei com quem brigar,
Conseguindo pôr-me ao fresco
Sem ninguém me incomodar.

Em dias do mês de abril,
Na vila de Cabaceiras
Ataquei um fazendeiro;
Porém com boas maneiras,
Seis contos de réis passei
Para as minhas algibeiras...

No dia quatro de maio,
Em o lugar Cachoeira
De Caruaru, matei
Pedro e Antonio Ferreira,
E na povoação Mandaçaia
Fiz um ataque de primeiro.

Veio o capitão Narciso
--- Homem que honra o seu galão ---
Com cem praças escolhidos
Do quatorze batalhão
Aliado ao Vinte e Sete,
Perseguir-me no sertão.

No dia treze de maio,
Em Bocandó eu estava,
Quando a força do Exército
Que em minha pista marchava,
Deu-me alguns tiros, julgando
Que dessa vez me matava.

Sai de Bocondó
Até não muito apressado . . .
Então um soldado disse
Que eu saíra baleado;
Porém ele se enganou,
Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido
Dois dias depois eu quis,
E na povoação de Queimadas,
Onde sempre fui feliz,
Eu prendi o delegado,
Um tal de Antonio Muniz.

Preso estando o delegado
Eu prendi o seu suplente
E também um inspetor
Que ali se achava presente;
Nenhum se opôs à prisão
Nem se meteu a valente.

Guiado pelos três presos
Que me deram um dinheirinho,
Fui à casa do usurário
Senhor Demétrio Coutinho.
Quinhentos mil réis deu-me ele
Dizendo: — Fico "lisinho"!

No dia trinta de maio
Com um comboio me encontrei
No Estado de Pernambuco;
Logo as cargas embarquei,
E no lugar de Rio Grande
As mesmas incendiei.

Ao major Lucas Donato,
Protetor de um intriguado
Meu, pertencia o comboio
Que foi por mim incendiado;
Julguei que para o Bonito
Fosse o comboio levado.

Aos matutos do comboio
Prejuízos eu não dei;
E o tal Lucas Donato,
Dizer por eles mandei
Que o frete lhe pagasse
Das cargas que eu queimei.

O alferes Zé Caetano,
Com mais de trinta soldados,
Me atacava bem perto;
Mas eu, com os meus apressados,
Seguimos outro caminho
E fomos para Afogados.

Quando cheguei em Afogados
Procurei logo avisar
A toda minha família,
Para esta dali se mudar,
Porque os meus perseguidores
Queriam-na exterminar!

De setembro em dezanove,
E em Maria de Melo
Cerquei a mesa de rendas,
E sem que houvesse duelo,
Trezentos mil réis do chefe
Tomei sem fazer opelo.

Prendi e desarmeí quatro
Soldados que nesse dia
Estavam lá. O dinheiro
Que levei, me pertencia . . .
Dei ao chefe a porcentagem
Que o governa lhe devia.

Com a companhia inglesa
Fiz uma acomodação:
Deu-me ela quinze contos
Abandonei a questão
E o contingente do Exército . . .
Se retirou do sertão.

De novecentos e sete
Em maio, no Coriri,
Estava numa fazenda
Quando cercado me vi!
E nesse cerco eu, um cabra
De confiança perdi.

Era o Zacarias Neves
Quem a força comandava,
E enquanto a tropa a fazenda
Por diante e por trás cercava,
Eu com o dono da casa
Descuidada conversava . . .

Quando eles romperam fogo
Saltamos para o terreiro;
Então nos primeiros tiros
Eu vi um meu companheiro
Cair criado de balas;
Era o Sebastião Bicheiro.

No froteio uma bala
Arrancou-me a cartucheira;
Conheci logo que a tropa
Ocupava uma trincheira;
Então fugi com os meus...
E a tropa voltou inteira.

Na Fazenda Muribeca,
Duas surras mandei dar,
Em dois cabras da fazenda
Que se quiseram armar
Contra os meus companheiros,
Que os souberam castigar.

Em dias do mês de julho,
Eu passei em Gameleira,
Que fica perto do Ingá.
Como ia na quebradeira,
O senhor Zuza da Mota
Encheu a minha algibeira...

A onze do mesmo mês
Eu em Mochado passei,
E do Sr. Manuel João
Um conto de réis tomei;
E na Vila Natuba
Dois contos arrecadei.

Matei um filho de Marcos,
Que morava nos Pinhões,
No princípio de setembro;
Quis ele formar questões
Comigo, porém passei-lhe
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de setembro,
Em S. José dos Cardeiros,
Eu entrei com o meu grupo
Composto de seis guerreiros;
E ali de um velho usurário
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro
Em S. José habitava,
Dirigi-me à casa dele
Dizendo-lhe que precisava
De umas moedas de ouro
Que ele enterrada guardava.

O velho, que era usurário,
Disse que não conservava
Esse dinheiro enterrado;
Mas eu lhe disse onde estava
E acrescentei que se ele
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,
Arrancou essas moedas
Que estavam enterradas
Debaixo de umas pedras.
Mas, para m'as entregar,
Levou primeiro umas quedas.

Chegaram então dois rapazes
Que eram do velho parentes
E contra mim os dois tolos
Meteram-se a valentes...
Vi-me obrigado a matar
Um desses dois inocentes...

Um, eu matei a punhal,
O outro, menos caipora
Comprou veado e fugiu
Danado de porta à fora
Dei-lhe um tiro pra espantá-lo
E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove
Estive, a dois de fevereiro,
Bem perto de Serraria,
Em casa de um fazendeiro
De nome Alfredo Chianca,
Homem valente e guerreiro!

Então Alfredo Chianca
Vinte vezes me atirou
E acabando a munição,
Da casa a porta trancou;
Arrombei-lhe uma janela
E ele a mim se entregou.

Não ofendi ao Chianca
 Porque eu me admirei
 Da sua grande coragem;
 Quando em sua casa entrei,
 Dei-lhe um abraço apertado,
 E amigo dele fiquei!

No dia vinte passei
 Na povoação Cachoeira,
 Que alguém chama de Cebola;
 Não era um dia de feira,
 Mas lá uns negociantes
 Encheram minha algibeira.

Então, de João Farias
 Eu a casa incendiei,
 Em Clementino de tal
 Uma boa surra dei,
 De Manuel Barba e Juvência
 Algum dinheiro tomei.

No dia seguinte eu estava
 Descansando em Malhadinha
 Quando me alcançou uma tropa
 Que em minha pista vinha;
 Então, com os meus companheiros,
 Fugi, porque me convinha.

Eram o José do Cauto
 E mais o alferes Maurício
 Os comandantes da tropa,
 Que, obrigou-me ao sacrifício,
 De dar comprida carreira
 Pra fugir ao precipício...

A tropa não nos cercou
 Mas muitas tiros nos deu
 Mandei dar quatro descargas
 E fugi com o povo meu;
 Da casa onde estava, o dono,
 No tiroteio morreu.

Era o Velho João Martins:
 Eu não vi a sua morte,
 Porque já havia fugido
 E procurando outro norte
 Quando os soldados lhes deram
 Para o céu um passaporte.

Deixei em Pedra Lavrada
 Para essa tropa um aviso,
 Dizendo que a esperava
 E que era preciso
 Levarem algumas mortaihas
 Que eu lhe daria prejuízo!

A treze de abril estive
 Na barra de Santa Rosa;
 Ali quinhentos mil réis
 Me deu o Manuel Feitosa;
 Soma igual o Manuel Bezerra
 Me deu com cara chorosa...

Então tomei de um soldado
 As armas e a cartucheira;
 E depois disse aos matutos
 Que se encontravam na feira,
 Que ali não pagassem mais
 O imposto de barreira.

No dia treze de julho
 Eu em Fogundes cheguei
 Lá um negro e uma negra
 Com duas surras matei
 Eles a mim foram falsos
 E eu nunca lhes perdoei.

No princípio de janeiro
 De novecentos e dez
 Tomei do coronel Lula
 Dois magros contos de réis;
 Nada fiz em fevereiro
 Em março espalhei os pés...

A cinco do dito mês
 Eu botei uma emboscada
 No alferes Joaquim Henriques
 Perto de Pedra Lavrada
 Ele vinha com a tropa
 E meteu-se na cilada.

A cinco do mês de março
 Em Araçá eu cheguei
 E com o chefe da estação,
 Mui calmamente almocei
 Ali do Sr. José Pedro
 Quinhentos mil réis tomei.

Fui a dez do mês de abril
 Visitar meu inimigo
 Um tal Manuel Tavares;
 Queria dar-lhe um castigo,
 Mas ele fugiu ao ver-me,
 Não quis se entender comigo.

Residia em Pocinhos,
 Esse que fui visitar;
 Só encontrei sua esposa,
 Por quem mandei avisar
 Que só lhe dava três dias
 Pra ele dali se mudar.

A quem disse: — Eu preciso
 Hoje de muito dinheiro;
 Depois de a Manuel Tavares
 Eu ter dado um prejuízo,
 Ataquei Francisco Afonso,
 Pretendi deixá-lo "liso"!

O velho Francisco Afonso,
 Que é "caipira" verdadeiro,
 Me disse: — Eu não tenho um réis
 E eu lhe disse: — O cavalheiro
 Pagará com uma surra...
 Nisto, ele deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte
 Quando eu deixei esses lares,
 Ao arame telegráfico
 Cortei em cinco lugares:
 Fiz na linha o que não pude
 Fazer com Manuel Tavares!

Meia légua mais ou menos
 Distante do povoado
 De nome Pedra Lovrada,
 De serras num apertado
 Com meu povo entrincheirei-me
 Estando bem municiado.

Erão dez horas do dia
 Quando eu a tropa avistei;
 No alferes Joaquim Henriques
 O primeiro tiro dei,
 E por não querer matá-lo
 Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava
 Comigo, entrincheirado,
 Também atirou na tropa;
 Feriu uma bola um soldado,
 Não o matou mas deixou-o
 Pra toda a vida aleijado!

Um cabo também saiu
 Com a perna bateada;
 Deu-nos a tropa alguns tiros,
 Porém ao ver-se cercada
 Fez como eu já tenho feito:
 Deu uma carreira danada...

Joaquim Henriques, os feridos
 Para Campina levou;
 Mas o alferes Maurício
 Que com ele se encontrou,
 Prosseguiu na minha pista...
 Com três dias me alcançou.

Com uma légua de distancia
 Da povoação Periquito,
 Encontrei-me com Maurício
 Em um lugar esquisito;
 Dessa vez não me pegaram
 Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida
 Dentro do mato, almoçando,
 Quando eu vinha distraído;
 Com dois homens conversando;
 Pegaram a meter-me "duchas"
 E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo
 De um tiro só disparar,
 Pois se eu perdesse um minuto
 Não me podia salvar,
 E por não ir prevenido
 Resolvi-me retirar...

Foi a dezaita de abril
 Que eu estava no Juô,
 Fazenda pouco distante
 Da vila de Taperoá,
 Quando um correio caipora:
 Ia passando por lá.

Era ele o João Domingos,
De três malas portador;
Tomei-lhe as malas e abri-as,
Achei cartas com valor
Em dinheiro, e deste eu fiz-me
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me
Pra as cartas eu não romper,
Porém, a esses pedidos
Resolvi não atender,
Pra não perder o ensejo
De ao governo ofender.

Eu sei que governo paga
Qualquer quantia avultada
Que o agente ou estafeta,
Deixa ser extraviciada,
Por isso a correspondência
Fôra por mim violada.

Não ofendi ao correio
É um simples empregado
Por ele não merecer,
Que cumpre com o seu dever,
É mesmo, a quem não me ofender
Eu não gosto de ofender.

Abri as malas somente
Pra do governo vingar-me,
E também pra, do dinheiro
Que eu encontrasse, apossar-me;
Cento e quarenta mil réis
Fol só o que pôde tocar-me.

Nas Zonas do Coriri
Demorei-me um mês inteiro;
A vinte e sete de maio,
Maurício, o audaz guerreiro
Acho-me a pista e buscou-me
Como quem busca dinheiro!

A força que comandava,
O alferes dividiu
Em dois grupos de oito homens;
A uma tropa guiava
O sargento Zé do Couto;
A outra ele comandava.

Dos soldados do alferes
Um era rastejador,
E pôs-se a seguir-me a pista
Qual perito caçador,
Só não me alcançaram cedo
Porque sou muito animador...

A vila de Soledade
Eu segui em direção;
Toda essa tarde seguiu-me
A tropa em perseguição,
Perderam-se à noite a pista
Devido à escuridão.

Debaixo de um umbuzeiro
A tropa se aquartelou,
E ali toda essa noite
Ela acordada passou;
Que eu estava muito perto
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada
Principiava a raiar
Aproximei-me da tropa,
Pude a observar
Mas eu nessa ocasião
Não quis a ela enfrentar.

Então com os meus companheiros,
Ligeiros como quem voa,
Famos esperar a tropa
Adiante numa lagoa;
De uma cerca de pedra
Fizemos trincheira boa.

Eram oito horas do dia
Quando eu na trincheira entrei;
A tropa demorou pouco...
O primeiro que avistei
Em frente à boca do rifle,
Com um tiro o derrubei.

Era ele o tal soldado
Que me ia rastejando;
Caiu sem dar mais um passo!
E os outros recuando...
Nesse momento os meus cabras
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado
A Maurício este convite:
— Alferes, atire logo
Em Silvino a dinamite!
Eu aos meus disse: — Fugamos,
E ninguém se precipite!

Devido ao troar dos tiros
Meu pessoal não me ouviu.
O fogo estava cerrado...
O alferes investiu:
Atirei-lhe na cabeça
E ela por terra caiu.

O alferes só teve tempo
De três tiros disparar,
A bomba de dinamite
Não me conseguiu atirar,
Porque eu matei-o logo
Antes dele me matar.

Um soldado ainda gritava:
Atirem logo essa bomba!
Corri e gritei aos meus:
— Corram que o diabo é quem
zomba
Da terrível dinamite,
Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos
Depois que os tiros cessaram
Dois soldados corajosos
Do alferes se aproximaram;
Do dinheiro que ele conduzia
Então logo se apossaram.

Voltei ao campo da luta
Para ver quantos morreram,
As praças que lá estavam,
Quando me viram correram
Com tanta velocidade
Creio que até se perderam.

Atirei-lhe ainda de longe
E creio que a um baleei,
Mas deixei-o ir embora,
Dos mortos me aproximei
E da bomba envenenada
Logo ali me apoderei.

A bomba, essa eu guardei
Os papéis que encontrei,
Como se fôsem do governo
Incendiá-los mandei,
E sem encomendar outros,
Da Barra me retirei.

Também estive em Serrinha
Onde ordenei a um soldado
Que o imposto de barreira
Por ele ali arrecadado,
Fosse só pela metade
Aos sertanejos cobrados.

No ano mil e novecentos
E onze, ainda brigado
Não tinha eu uma só vez,
Quando em abril fui cercado
Pelo alferes Ramalho,
Que me deu algum cuidado.

Foi no lugar S. Mamede
Que esse encontro se deu;
Alguns jornais afirmaram
Que o meu grupo correu...
Foi erro; vou aos leitores
Contar o que aconteceu.

O alferes José Ramalho
Julgou que eu era pixoto,
Atirou-me entrincheirado
Porém deu errado o bote,
Porque eu não sou arara:
Me entrincheirei num serrote.

Ele atirou-me de longe
E um tiroteio cerramos,
Que durou mais de uma hora,
Até que ambos esgotamos
Toda a nossa munição,
E depois nos acalmamos.

Depois que a luta cessou
Esperei o resultado
Que ficou por isso mesmo:
A força tinha arribado,
Notei então que um dos meus
Tinha sido baleado.

Fui em junho a Maranguape
Aonde fui bem aceita;
Ali hospedei-me então
Na fazenda do prefeito;
Este deu-me um tratamento
Que me deixou satisfeito.

Pedi-me muito o prefeito
Para eu não ir à cidade;
Atendi o seu pedido
De muita boa vontade,
Pois com pessoas dali
Eu não tinha inimizade.

Então aos negociantes
Mandei logo um mensageiro
Com cartas minhas, pedindo
A todos algum dinheiro;
Mandaram-me o rico arame
Ninguém se fez de estradeiro.

A dezenove de julho,
Por ter dela precisão,
Então os meus companheiros
Nessa mesma ocasião,
Carregaram dos dois mortos
Fardos, rifles e munição.

Ao ver que já tinha morto
Meu maior perseguidor,
Senti o meu coração
Possuído de rancor,
Por ter dado a morte a um homem
Que me metia pavor!

De esmigalhar o cadáver
Senti um desejo insano!
E covarde e friamente
Executei esse plano
Porque o meu coração
Não tem mais nada de humano!

Com uma pedrada deixei-lhe
A cabeça esfacelada
Depois mandei cada um
Dos meus dar-lhe uma facada,
Fiz tudo isso e não senti
A minh'alma perturbada.

Sei que minh'alma já está
Muito negra e ampedernida,
Porque cento e uma vez
Tenho-me feito homicida
O crime hoje é a coisa
Mais comum da minha vida.

Se eu não matasse Maurício
Creio que ele me matava;
Pois era o oficial
De quem mais receava,
A bomba que ele trazia
Era o que mais me assombrova.

Eu o fio do telégrafo
Na mesma dia cortei
Em dez ou doze lugares;
Depois avisar mandei
A polícia de Campina
E com os meus me ocultei...

Fui em setembro de mil
E novecentos e dez
À barra de S. Miguel
E lá espalhei os pés;
Matei, pedi e tomei
Quase três contos de réis.

Lá dois soldados quiseram
Comigo se arreliar,
Porém eu matei um deles
E no outro mandei dar
Uma surra, e, no meu grupo
Fi-lo à força bruta entrar...

Então guiado por ele
Eu fui à Mesa de Rendas;
O dinheiro que achei lá
Mal deu para as encomendas;
Eu embolsei-o dizendo:
— Este é pras minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todos
Bem perto de Soledade,
Eu consenti o meus cabras
Fazerem perversidade
Com a família dos Couto,
Com quem tenho inimizade.

Num irmão do Zé do Couto
 Dar uma surra mandei,
 E o compadre João de Banda
 Dar na mãe dele deixei,
 Do velho Couto um paiol
 De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez
 Que consentir espancar
 Uma mulher, pois na velha
 É que o compadre ia dar;
 Não o achou, deu na velha
 Pra a viagem aproveitar.

Então ordenei à velha
 Que com o marido repartisse
 As pancadas que levou,
 E ao Zé do Couto pedisse
 Pra ele ir criar seus filhos
 E comigo não bulisse.

No dia nove de agosto
 Assisti a um casamento
 Perto de Taperoá,
 Com grande contentamento
 Participei do banquete
 E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá
 Assisti de confissão!
 Dispensei-o de rezar
 O ato de contrição;
 Limitou-se a responder-me
 O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi
 Ordenei-lhe que guardasse
 Para mim algum arame;
 Para quando eu precisasse,
 Disse ele que ao meu dispor
 Estava, se eu o ocupasse.

Saí então da fazenda
 De Jocelino Vilar,
 E logo no dia seguinte
 Eu consegui me encontrar
 Com meu primo Antonio Godó,
 E juntos fomos andar...

Na dia doze estivemos
 Na Passagem; lá cortei
 O arame telegráfico,
 Pois com este me intriguei,
 Porque ele é mexeriqueiro
 Com prazer o estraguei.

Estive também a passeio
 Em São João do Sabugi,
 Conceição do Azevedo,
 Currais Novos e Araci;
 Fiz por lá boas colheitas
 E voltei pro Cariri.

Em Conceição do Azevedo
 A música me visitou,
 Dinheiro, buquês e baile
 O povo lá me ofertou;
 E ainda há gente que diga
 Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto,
 Da Viração muito perto,
 O alferes João Facundo
 Num lugar pouco deserto
 Emboscou-me, porém eu
 Fui mais do que ele esperto!

Eu vi a tropa emboscada
 Então desviei-me dela,
 E num baqueirão da serro
 Tocar-a com cautela;
 Voltou a tropa e mais tarde
 Caiu na minha esparrela.

Quando a força se aproximou
 Nove tiros lhe enviei,
 E nesse mesmo momento
 Ao alferes então gritei:
 — Se não correr, comandante,
 Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos,
 Porém viu logo ali feridos
 Caírem quatro soldados;
 Todos soltando gemidos
 Diziam: — Se não correremos,
 Matam-nos esses bandidos!

A tropa ainda me atirou
 Mas pôs-se logo a fugir;
 Eu também não esperei
 Que outra pudesse vir,
 E pus-me ao fresco; os feridos
 Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia
 Encontrei um conhecido
 Que me procurou abraçar;
 Mas eu me fiz distraído,
 E dei-lhe tão grande tapa
 Que o deixei no chão caído!

Poucos dias depois disto
 Com a polícia me encontrei;
 Trocamos ainda alguns tiros
 Mas eu a ninguém matei,
 E tendo enganado a tropa
 Pra longe me retirei.

Em novembro, em Macapá,
 Fui visitar Manuel Belo,
 Mas como não encontrei
 Para entrarmos em duelo,
 Deixei-lhe a casa queimada
 E a mobiliário em farelo.

Ao chegar em Macapá
 Só o genro dele achei;
 Deu-me este a chave do cofre,
 E o que dentro encontrei
 Foi uns dez contos de réis
 Desses, então me apossai.

O Manuel Belo movia
 Contra mim perseguição...
 Por isso queimei-lhe a loja
 E um vapor de algodão;
 Dei-lhe mais um recado:
 Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive
 Na povoação de Serrinha,
 Passei na Vila Pilar,
 Onde a terra é quase minha,
 E depois fui ocultar-me
 Em lugar que me convinha...

De novecentos e doze
 Em maio, no alto sertão,
 No lugar Riacho Seco
 Eu tive o ensejo então
 De encontrar meu inimigo
 O negro Antonio Carão.

Esse negro a um meu parente
 Havia assassinado
 Simplesmente pra roubar
 E por ser meu intrigado
 Matei-o à bala e por mim
 Foi seu corpo queimado!

Dei-lhe dois tiros deixando-o
 Muito ferido no chão
 Fiz por cima do seu corpo
 Uma coivara, e então
 Ateei fogo e deixei-o
 Virado em cinza e carvão.

No dia sete de junho
 Em Santa Luiza entrei
 E então dos negociantes
 Uns trinta contos levei
 E no capitão Aristides
 Uma grande surra dei!

Há uns dez anos jurei
 De Aristides me vingar,
 Porque dois cabras meus foram
 À polícia se entregar,
 E ele os mandou na cadeia
 De fome e sede matar.

Prometi dar-lhe uma surra
 E a promessa cumpri,
 E então a sua família
 Dessa vez eu persegui
 De alguns levei dinheiro,
 De outros os bens destruí.

Fui à vila de Afogados
 De Ingazeira, onde nasci,
 E uns nove contos de réis
 Naquela vila colhi!
 Mas o Desidério Ramos
 Por caiporismo não vi.

Parei perto de Monteiro,
Estive na povoação
De Jabotá e, em Queimadas
Fiz boa arrecadação;
De Santa Cruz uns dois contos
De réis, consegui então.

A quinze do mês de julho
Eu fui à Santa Maria,
E os moradores de lá
Julgando que eu corria,
Deram-me uns tiros, mas eu
Reagi como devia.

Com poucas horas de fuga
Os cabras esmoreceram
Acabaram o tiroteio
E para o mata correram...
Eu tomei conta da rua
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas
E dei de peia o valor!
Deixei diversas feridas,
Só não fiz nenhum morrer
Porque eles correram logo,
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras
Do major João Florentino;
Ele outrora perseguiu-me
E eu fui dar-lhe um ensino,
Pra ele saber que só Deus
Matará Antonio Silvino.

Cerquei-lhe a casa, mas ele
Quis se meter a guerreiro
Brigamos mais dum hora,
Matou-me ele um cangaceiro,
Matei-lhe outro e ele ferido
Foi para o Limoeiro.

Logo que o major fugiu,
Do engenho me apossei,
Recolhi todo o dinheiro
Depois as casas queimei:
Cinquenta contos de réis
De prejuízo lhe dei.

Paguei a um camarada
Para o meu cabra enterrar,
E voltei à Paraíba
Perto da Vila Pilar,
Demorei-me, decidido
A alguns dias descansar.

As malas de um correio
Perto de Patos tomei,
E toda a correspondência
Que ele trazia, queimei;
Foi essa a terceira vez
Que esse crime pratiquei.

Das Espinharas, da Serra
Das Pracacas eu estava
Em uma fuma, era noite
Ali, adormecido eu sonhava
Que o espírito de Mauricio
De surpresa me atacava.

Dizia-me: — Silvino,
Prepara-te para lutar,
O que fizeste comigo,
Agora me vais pagar;
Visto os vivos não quererem
A minha sorte vingar.

Ergui-me sobressaltado
E um tiro disparei
Contra o fantasma e, então
Muito ligeira acordei;
Ouvindo um grande rugido
Quase assombrado fiquei.

Esse rugido abalou
Até o mais fundo recôndito
Da fuma; a serra tremeu
Desde o cimo até o tronco;
Percebi rapidamente
Que de uma onça era o ronca!!

Então atirei na fera
Que sobre mim se lançou
E deu um tapa no rifle
Que distante o atirou,
E ouvindo o estampido
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás
E da pistola puxei,
Porém no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei,
Deu ela na arma outro tapa,
E desarmado me achei!

Felizmente nessa gruta
Entrava a luz do luar
E o solo era espongoso...
Continuei a pular
Me desviando da fera
Que me tentava agarrar!

Num desses saltos eu pude
Puxar da cinta o punhal,
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal,
Dizendo: Se eu não ^{quiser} morrer
Mato este audaz animal!

A onça era tão ligeira
Como de um raio o clarão!
Eu não voava, porém
Mal sentava os pés no chão!
Compreendi que em matá-la
Estava a minha salvação.

E quando a fera avançou
De arma em punho a esperei,
E então ao pé da goela
Tal punhalada lhe dei,
Que o punhal, enterrado,
Dentro dela abandonei.

Ela em minha mão esquerda
Deu uma grande dentada,
E onde passou as unhas
Deixou-me a pele estofada;
Só feriu-me no momento
Em que lhe dei a punhalada...

A onça ao ver-se ferido,
Um enorme salto deu
Rugindo com tanta força
Que a serra estremeceu
Então por sobre o lajeado
O corpo em cheio estendeu...

Enraivecida, rugindo,
Tentava se levantar,
Procurando em vão com os dentes
A arma do peito arrancar,
E eu, desarmado, temia
Que ela voltasse a lutar!

Quando a fera se aquietou,
Da gruta me retirei,
E todo o resto da noite
Noutra fuma repousei.
Somente pela manhã
Meus companheiros busquei.

E reunido ao meu grupo
Nessa fuma penetramos;
A onça morta a um canto
Logo ao entrar encontramos;
Minha pistola e meu rifle
Ambos quebrados achamos.

Vi que no peito da fera
O punhal estava enterrado
E reparei que o meu rifle
Tinha o caíce esfacelado!
A pistola achei-a longe
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça
O meu punhal arranquei,
E o sangue o ensopava
Logo em um lenço limpei
Depois, com muito cuidado
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,
De formas desconhadas
Os dentes ponteados,
Unhas longas, desiguais;
Tinha os músculos dianteiros
Mais grossos que os demais.

Retiramo-nos da gruta,
E minhas feridas curei.
Consertar as minhas armas
Por um ferreiro mandei
E junto aos meus companheiros
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte
Com a polícia me encontrei,
E com o comandante desta
Então conferenciei...
É para pagar cerveja
A ele logo intimei.

O major Seabra jurou
Comigo não intervir
Eu também lhe garanti
Com os dele não bolir;
Pois eu só mato soldado
Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze
Eu em janeiro cheguei
À Cachoeira dos Guedes,
F do Rufino levei
Dois contos; e um telegrama
Para a Capital pessei.

Às altas autoridades
Nesse telegrama eu disse
Que só pretendo morrer
Em adiantada velhice,
E que elas me perseguindo
Cometem grande tolice!

A força que acompanhava
O alferes Irineu
Encontrou-me em Soledade
E alguns tiros me deu;
Mas, fugi, por estar na casa
De um velho amigo meu.

Em Lagoa do Remigio
Fui à agência do correio;
Botei pra fora o agente
Somente porque era feio;
Tomei lhe o cobre dos selos
E contra mim ninguém veio.

Uma vez dono da agência
Dei logo um expediente,
E avisei ao diretor
Que ali eu era o agente,
E que todo o apurado
Tocaria a mim somente!

Então de um negociante
Comprei muita munição;
Arranjei muito dinheiro
Depois da arrecadação
Ao povo da Serraria
Fui passar uma lição.

Parto da Vila hospedei-me;
Veio ali me visitar
O major Antonio Bento,
Que logo mandou chamar
O delegado, e este foi
Meu imposto arrecadar!

Eu estava no Ingá
Na casa dum camarada,
Quando inopidamente
A fazenda foi cercada
Por soldados de Polícia,
Que não arranjaram nada...

Parque com muita cautela
Resolvi me retirar
Da fazenda, pois não quis
Contra a polícia atirar.
Nesse dia eu não estava
Disposto a matar.

Há muito que procurava
Encontrar um valentão
Que para lutar comigo
Tivesse disposição;
E de achar esse duro
Tive um dia ocasião.

Perto de Brejo de Areia
A quatro de fevereiro
De novecentos e nove,
Encontrei esse guerreiro
Que não matou-me porque,
Vali-me de Deus primeiro.

Era um sujeito mestiço,
De cabelos afogueados,
Os dentes muito amarelos,
Beijos grossos e rachados;
Pés chatos e mãos compridas,
Olhos grandes e encarnados.

Conheci que esse cabra
Era mau de profissão
Então para dar-lhe uma sava
Me pediu o coração;
E eu quis me certificar
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cobra quem és?
De onde vens e para onde vais?
Disse-me o cabra: — Meu nome
É Diabo ou Satanás;
Venho do inferno e contigo
Vou lutar ou fazer paz!

Vens comigo fazer paz?
E eu pedi-te essa aliança?
— Não pediu, mas podes ter
Em mim toda a confiança...
Respondi-lhe: — De salvar-me
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas
Ainda por salvação?
Tá esqueces que fazer crimes
É só a tua profissão?
Respondi: — E não se salvou
Da Bíblia o Bom Ladrão?

— Se esse Dimas se salvou
É porque amava a Deus,
Mas tu és um inimigo
Dos dez mandamentos seus!
E eu perguntei: — E você
Conhece os intuitos meus?

Disse-me o diabo: — Eu bem sei
Que é funesto o teu destino:
És traidor, és perverso,
És ladrão e assassino!
O teu fim será o inferno
Irás comigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo
Estas frases proferir,
Respondi-lhe: — Pra que inferno:
Contigo eu não hei-de ir!
Disse-me ele: — Isso agora
Havemos de decidir!

Para decidirmos isso
Lutarmos muito é preciso...
E dito isto disparei-lhe
Um tiro de improviso
O diabo aporou a bala
E disse com ar de riso:

— Ah! Não me atires, porque
Com balas tu não me ofendes,
E acrescentou: — A certeza
Eu tenho de que te rendes,
Se prolongares a luta
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? Nunca! E o rifle
Vinte vezes disparei. . .
E presumo que os tiros
Todos no diabo acertei,
Mas este, aparando as balas
Deu-mas quando eu terminei.

Então conheci que a bala
Para o diabo não se fez:
E manejando o punhal
Vibrei-lhe com rapidez
No peito uma punhalada,
Mas errei indo uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes
Julgando que o matava,
Mas todos foram perdidos
Porque a arma não o furava:
O punhal batia nele
E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos. . .
Então eu compreendi
Que não vencia ao diabo,
Porém, não esmoreci!
E quando me vi perdido
Logo de Deus me volti. . .

Dizia o diabo sorrindo:
— Levo-te sempre comigo;
É melhor ficares manso,
Que te terei como amigo,
Então eu disse: — Meu Deus,
Livrai-me deste inimigo!

Vi que lutando, morria;
Eu a rezar me dispus
Então me ajoelhei
E rezei o credo em cruz,
E disse: — Eu te esconjuro,
Diabo! Em nome de Jesus!

Quando eu me persignei
Pra longe o diabo correu
E disse: — Falar em Deus,
Foi isso o que te valeu.
Mas de outra vez voltarei,
Serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,
E hoje em dia ele me segue;
E já não temo que o mesmo
Para o inferno me carregue,
Eu só não quero é que um dia
Ele à polícia me entregue.

Deus que tinha eu no mundo
Para um instrumento seu,
Já havia decretado
Tudo quanto aconteceu
Comigo, depois desse dia
Tirou o prestígio meu!

A dezoita de novembro
Eu em Pacinhas cheguei;
Que o padre Antonio Galdino
Desse-me um jantar, mandei;
E que me servisse à mesa
Ao mesmo padre obriguei.

Quando eu me retirei, o padre
Lançou-me a excomunhão,
Missa de corpo presente
Como em minha intenção.
Na noite do mesmo dia
Me apareceu uma visão.

Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado,
Quando apareceu-me um homem
Com um objeto embrulhado;
E me disse: — Eis um presente
Que para si foi mandado.

Ergui a vista, porém,
Já o homem não avistei;
Abri o pacote, e dentro,
Um par de algemas achei;
Fiquei tão impressionado
Que ali quase me assombrei.

Compreendi que o padre
Botara-me urucubaca!
A estrela que me guiava
Via-a no céu mais opaca;
Da minha vida a corrente
Conheci que estava traca.

Na manhã do outro dia
Eu na estrada encontrei
Com um boi de Cristiano:
Bem na testa lhe atirei;
Visto não pegar o "gringo"
No boi dele me vinguei.

Depois de andar oito léguas
De onde o boi tinha ficado,
Debaixo de um umbuzeiro
Sentei-me um pouco enfadado,
Quando vi chegar o boi
No qual eu tinha atirado.

Esbarrou perto de mim
Ameaçando-me dar
Chegou esvaído em sangue
E danado para urrar;
Como quem vinha somente
Para de mim se vingar.

Quando eu vi aquela cena
Perdi logo a esperança;
Conheci que minha vida
Estava numa balança;
O urro do boi dizia:
Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquele boi
Da morte era mensageiro;
Quis atirar-lhe, e meu rifle
Mentiu fogo; então, ligeiro
Me retirei e não quis
Que matasse um companheiro.

Depois, com meus companheiros
Fomos pra Taquaritingo,
Eu convenci-me de que
Me acompanhava a caninga.
Meu coração me dizia:
Silvino, volta e te vingá!

Porém, eu não quis voltar
Na mesma noite cheguei
Em Lagoa da Laje,
E no mato me ocultei.
Debaixo de um joazeiro...
Quatro horas descansei...

Porém, no dia vinte e oito
Melancólico me senti;
Passar o dia jogando...
Às cinco horas me vi
Pela polícia atacado,
E ao fogo, então resisti!

Como eu estava em campo raso,
Num serrote me entrincheirei;
Guiando os meus companheiros,
De umas pedras me amparei,
Foi ferido o Joaquim de Moura
Mas brigando me conservei.

Foi por detrás de uma cerca
Que a polícia se ocultou,
De onde nos fazia fogo;
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ela,
Mas nem um tiro acertou.

No pai de um velho companheiro
Uma surra eu tinha dado;
(Já fazia quatro anos)
E o cabra havia jurado
De me matar à traição
Em um momento apressado.

Esse cabra traíçoeiro
Perto de mim atirava
Por detrás de uma pedreira,
Vendo que eu não o via,
Atirou-me por detrás
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser
Pelas costas me varou,
E saindo pela peito,
Um rombo enorme deixou,
Cai no chão quase morto
E o cabra ali me roubou.

Levou-me todo o dinheiro
E um anel de brilhante,
Levou-me um grande punhal
E um rifle muito importante;
Não pude me defender
Porque estava agonizante.

Quando despertei da síncope
Foi que me senti ferido;
Ali procurei meu grupo
Que de mim tinha fugido,
Tudo quanto eu possuía
Tinha desaparecido.

Com dificuldade ergui-me
Depois de ter-me sentado;
Olhei em redor e vi
Um homem no chão deitado,
Era o amigo Joaquim Moura
Que se achava baleado.

Chamei-o, ele se sentou
E me disse: — Estou perdido,
Mas não me entrego à polícia,
Portanto eu me suicido...
Deu um tiro na cabeça,
Morreu sem dar um gemido!

Quis eu também suicidar-me
Mas as armas não achei;
O veneno que eu trazia
Nos bolsos, não encontrei,
Levantei-me e a uma casa
Quase de raste cheguei.

Ao dono dessa vivienda
Fedi que fosse chamar
O comandante da força
Para o ele eu me entregar,
Pois eu estava quase morto
E queria me confessar.

Quando a polícia chegou
Tinha o dia amanhecido
Então o alferes Teófonos
De mim se aproximou;
Mas devido ao meu estado,
Ele não me interrogou.

Fui para Taquaritinga
Pela força conduzido;
Levaram-me numa rede
Porque eu estava tão ferido,
Que não andava, e cheguei
Quase que desfalecido.

Dois dias e uma noite
 Eu passei encarcerado
 Na cadeia da cidade,
 Sendo muito visitado;
 A vinte e nove já eu
 Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo
 Em um burro me montaram,
 E para Caruaru
 Os soldados me levaram,
 Mais de duzentas pessoas
 Na estrada nos encontraram.

Chegando em Curuaru
 Cinco horas descansamos;
 Às duas da madrugada
 Para o Recife embarcamos,
 Às sete horas do dia
 Nessa Capital chegamos.

Por médicos e enfermeiros
 Vim no trem acompanhada
 O Dr. Chefe de Polícia
 Também se achava o meu lado,
 Tratamento de primeira
 Foi sempre o mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas
 Me esperavam na estação,
 E me olhavam confusas
 Com muita admiração
 Grande massa acompanhou-me
 À Casa de Detenção.

A bala que me feriu
 Pelas costas penetrou,
 Saiu no peito direito
 E o pulmão me afetou:
 Mas só prostou-me porque
 A cardite me atacou.

Os médicos já conseguiram
 Meus ferimentos curar...
 O resto da minha vida,
 Vou na prisão descansar,
 Porque dos crimes que tenho
 Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade
 Mas não estou regenerado,
 Acho-me muito abatido
 E estou desequilibrado;
 Agora com o suicídio
 Eu vivo impressionado.

Somente à fatalidade
 Eu devo a minha prisão,
 Pois todos sabem que eu era
 Um indomável leão!
 E nem eu sei porque foi
 Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-me
 Porque fui impulsionado
 Pelo destino talvez!
 Vi-me ferido e roubado,
 Vim morar nesta prisão,
 Cumprir a lei do meu fado.



O MEU JULGAMENTO



Fazia vinte e um meses
Que eu me achava na prisão;
Já estava mais robusto
E completamente são,
Quando fui levado à Olinda
Pra ser julgado então.

Foi em mil e novecentos
E dezesseis bem me lembra
Começou o meu julgamento
No princípio de setembro,
Estava reunido o júri
Sem que faltasse um só membro.

Presidiu meu julgamento
O Dr. César Godim,
O qual foi pelo governo
Escolhido pra esse fim;
Não sendo ele meu amigo
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado
Dr. Adolfo Simões;
Esse ilustre bacharel,
Com suas aptidões,
Prevou que eu tive razão
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Caú
Serviu como promotor,
Como órgão da Justiça
Foi o meu acusador,
Quis esse dar aos meus crimes
Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:
— Queira o réu me responder:
Se sabe porque está preso,
Porque julgado vai ser;
Pode também alegar
Razões pra se defender.

Respondi-lhe: — Sr. juiz,
Porque estou preso bem sei,
Pois vim pagar na prisão;
Os crimes que pratiquei;
Razões pra me defender...
Algumas alegarei.

— Conceda ao réu a palavra
Para ele se explicar;
Dizendo quais as razões
Que teve para matar,
E em que lei encontrou
O direito de saquear.

— Senhor juiz eu criei-me
Como um sertanejo honrado,
Vivendo do meu trabalho
Sem a ninguém ser pesado,
Quando atingi dezoito anos
Vi meu pai assassinado.

Os que mataram meu pai,
Em vez de perseguição
Da polícia do lugar
Tiveram foi proteção,
Então resolvi matá-los
E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes
Vi-me logo perseguido;
Fui obrigado a viver
Nas montanhas escondido
A lei da necessidade
Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — Estou ciente,
Vejo que teve razão
De se fazer criminoso,
E mandou que o escrivão
Iniciasse a leitura
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo
Todo arbitrário e ilegal,
Depois fez-me o promotor
Uma acusação verbal;
Disse que eu como bandido
Era o genio do mal.

E falou: — Senhores jurados,
Este é o Antonio Silvino
Que matava no sertão
Homem, mulher e menino,
Era ladrão e malvado,
Desonrador e assassino!

Durante doze anos
Foi o terror dos sertões,
Assombravam a todo o mundo
As suas depredações
São de um homem desabusado
Todas as suas ações.

Confio que os jurados,
Que são homens conscientes,
Dêem o máximo da pena
Que é o premio dos delinquentes
A essa fera humana
Assassina de inocentes.

Falou meu advogado
Replicando ao promotor,
Provando que eu nunca fui
De inocentes matador;
Sempre respeitei a honra
E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei
Todos que me perseguiam,
Que nas vilas do sertão
Com festas me recebiam,
E o que eu tomava dos ricos
Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão
Nunca de ninguém roubei,
Aos conhecidos pedi,
Dos governantes tomei;
Somente dos inimigos
As casas incendiei.

Findando o advogado
Sua bela locução,
Pedi aos doze jurados
Que votassem meu perdão,
Provando que eu era vítima
De uma vil perseguição.

Colou-se o advogado
E o júri se recolheu
Quando o grupo de jurados
Na sala reapareceu;
O Dr. Juiz de Direito
A minha sentença leu.

Trinta anos de prisão
Fui eu então condenado
Anular esta sentença
Não pôde o advogado;
Voltei para a Detenção
Um pouco contrariado.

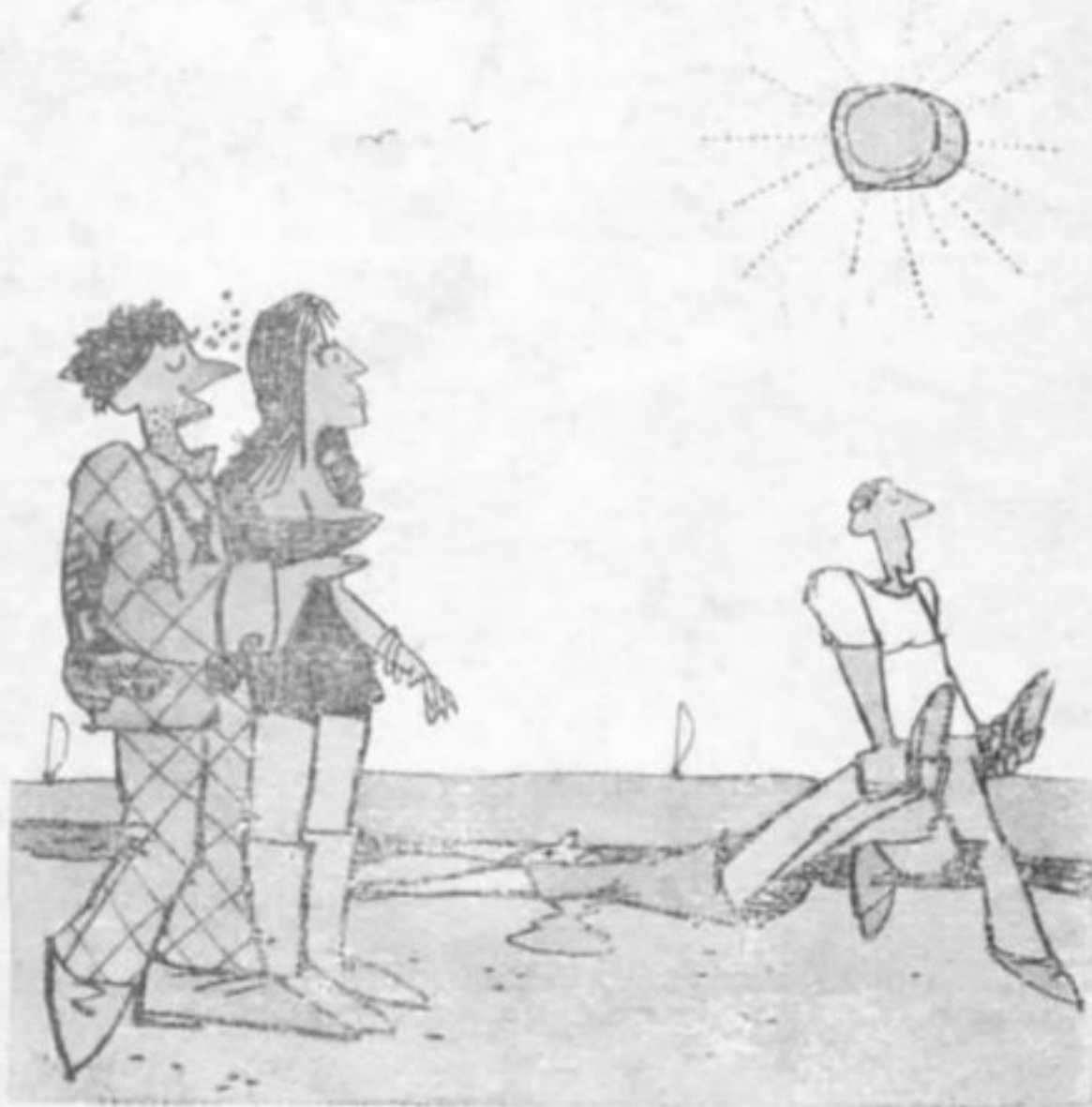
Porém, já resignei-me
A cumprir minha sentença,
Pois quem mata o semelhante
Não vê de Deus a presença;
A prisão é dos criminosos,
A legítima recompensa.

Hoje estou arrependido
De ter sido um delinquente;
Já ofereci-me ao governo
Pra ir pra linha de frente
Dar combate aos alemães,
E morrer como valente.

5067

© TIRA-GÔSTO IDEAL

PIRDAS DE BEBADOS



JÁ NAS BANCAS!

Folheto de caros de S. N. B.